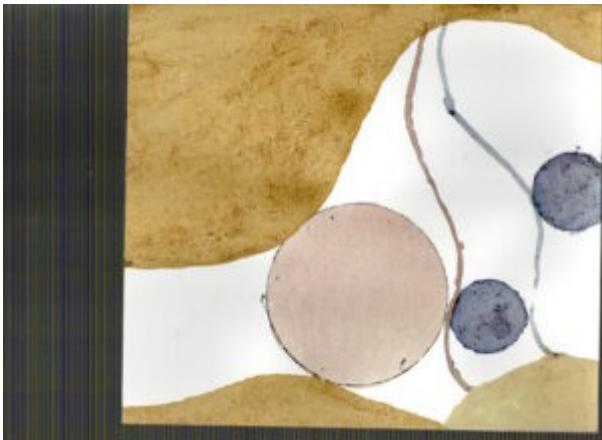


O futuro pode ser feminino, mas a pandemia é patriarcal



A pandemia afeta mulheres e homens de maneira diferente. Embora os homens que adoecem pareçam mais propensos a morrer do que as mulheres, em outros aspectos, a pandemia e suas consequências previsíveis serão mais duras para as mulheres

Por Rebecca Gordon*

Antes de me tornar uma “refugiada em casa”, este artigo abordou as ações das mulheres em todo o mundo na ocasião de 8 de março, Dia Internacional da Mulher. Do Paquistão ao Chile, milhões de mulheres tomaram as ruas exigindo poder controlar nossos corpos e nossas vidas. As mulheres saíram do Iraque e Quirguistão, Turquia e Peru, Filipinas e Malásia. Em alguns lugares, elas enfrentavam o risco de homens mascarados baterem nelas. Em outros, exigiram o fim do feminicídio, a realidade milenar de que as mulheres são assassinadas diariamente neste mundo pelo mero fato de serem mulheres.

Em 1975 o futuro era feminino

As celebrações desse ano foram especialmente militantes. Passaram-se 45 anos desde que as Nações Unidas declararam 1975 o Ano Internacional da Mulher e patrocinaram sua primeira conferência internacional sobre as mulheres na Cidade do México. Conferências semelhantes foram realizadas em intervalos de cinco anos, culminando na Conferência de Pequim de 1995, criando uma plataforma que desde então guia o feminismo internacional de várias maneiras.

A Conferência de Pequim ocorreu há um quarto de século, mas este ano as mulheres de todo o mundo pareciam estar fartas. Em 9 de março, as mulheres mexicanas organizaram uma greve de 24 horas, “um dia sem nós”, para demonstrar quanto o mundo do trabalho, remunerado e não remunerado, depende de ... sim, mulheres. Aquele dia sem mulheres foi, em todas suas consequências, um sucesso. O Wall Street Journal observou, talvez com uma pitada de espanto, que “o México parou. Centenas de milhares de mulheres paralisaram o México em uma greve nacional sem precedentes para protestar contra a crescente onda de violência contra as mulheres, uma grande vitória para a causa”.

Além de lotar as ruas e esvaziar fábricas e escritórios, algumas mulheres também quebraram vitrines e brigaram com a polícia. Violência? De mulheres? O que poderia tê-las levado a tal ponto?

Talvez tenha sido o assassinato de Ingrid Escamilla, uma moradora de 25 anos na Cidade do México que, segundo o New York Times, “foi esfaqueada, esfolada e estripada” em fevereiro passado. Talvez tenha sido o tiroteio da artista e ativista Isabel Cabanillas de la Torre em Ciudad Juárez, um lembrete que mal notou um mundo desinteressado no qual as mulheres desaparecem há décadas ao longo da fronteira entre os Estados Unidos e o México. Ou talvez tenha sido apenas o fato de que os números oficiais de 2019 revelaram mais de mil feminicídios no México, um aumento de 10% em relação ao ano

anterior, embora haja muito mais assassinatos desse tipo não registrados.

A pandemia é patriarcal?

Se não fosse a pandemia, talvez o *Wall Street Journal* estivesse certo. Talvez o Dia Sem Mulheres tenha sido apenas a primeira de muitas vitórias importantes. Talvez o hino feminista internacional “O estuprador é você” (você [o patriarcado, a polícia, o presidente] é o estuprador), continuaria a inspirar performances para dançar com mulheres cantando em todos os lugares. Talvez a atenção do mundo não tenha se desviado tão rapidamente do espetáculo das revoltas mundiais das mulheres. Agora, porém, nos Estados Unidos e em todo o mundo, tudo é pandemia, o tempo todo, e com razão. O coronavírus fez o que um Dia Sem Mulheres não conseguiu: parou a economia mundial. Ele já infectou centenas de milhares de pessoas e matou dezenas de milhares. E continua a se espalhar como um incêndio florestal global.

Como todo grande evento e instituição, a pandemia afeta mulheres e homens de maneira diferente. Embora os homens que adoecem pareçam mais propensos a morrer do que as mulheres, em outros aspectos, a pandemia e suas consequências previsíveis serão mais duras para as mulheres. Como pode ser? A escritora Helen Lewis fornece algumas respostas no *The Atlantic*.

Primeiro, o vírus, combinado com medidas massivas de quarentena, garante que mais pessoas precisem de cuidados. Isso inclui pessoas mais velhas, que correm maior risco de morrer, e crianças que não estão mais na escola ou na creche. Em países desenvolvidos como os Estados Unidos, as pessoas que têm a sorte de poder manter seu emprego trabalhando em casa estão descobrindo que a presença de crianças entediadas não facilita em nada as coisas.

Ontem à noite, minha pequena família foi convidada para uma apresentação de canto e dança por duas meninas que moram a algumas casas na mesma rua. Seus pais passaram o dia ajudando-as a planejar e depois nos convidaram a assistir do nosso quintal. O que elas vão inventar para amanhã, dia útil, não faço ideia. Uma amiga sem filhos se ofereceu para dar aulas online diariamente, em sessões de 15 minutos, sobre qualquer coisa que pudesse usar no Google para ajudar as amigas da mãe a conseguir algum descanso.

Apenas uma semana atrás, parecia que as escolas fechadas poderiam reabrir antes do final do ano letivo, permitindo que uma comentarista do *The New York Times* escrevesse um artigo intitulado “Eu me recuso a administrar uma escola doméstica de coronavírus”. Professora associada de liderança educacional, a autora diz que está deixando seus dois filhos assistirem televisão e comerem biscoitos, sabendo que, não importa quantos estudos rápidos ela faça, nada a tornará professora do ensino fundamental. Aplaudo a sua postura, mas também suspeito que os filhos de profissionais qualificados provavelmente estarão em uma posição melhor do que os de trabalhadores com baixos salários para retomar a luta pela vida e pela morte pela sobrevivência na selva competitiva que é a educação nos EUA, desde o Jardim de infância até a décima segunda série.

Nos lares heterossexuais em quarentena, escreve Helen Lewis, a responsabilidade principal pelo cuidado das crianças recairá sobre as mulheres. Ela está exasperada com especialistas que apontam que pessoas como Isaac Newton e Shakespeare fizeram o seu melhor trabalho durante uma praga do século XVII na Inglaterra. “Nenhum deles”, observa, “tinha responsabilidades em cuidar de crianças”. Tentando escrever o Rei Lear, enquanto suas próprias pequenas Cordelias, Reganias e Gonerildas agarram sua camiseta e reclamam em voz alta que estão entediadas ...

Em lugares como o Reino Unido e os Estados Unidos, onde a maioria das mães têm emprego, as mulheres passam por uma nova pressão para deixar o trabalho remunerado. Na maioria das famílias heterossexuais que têm duas rendas e também filhos, as desigualdades salariais históricas significam que o salário das mulheres geralmente é menor. Portanto, se alguém tiver que passar o dia cuidando de crianças em período integral, fará sentido economicamente que sejam elas. Nos Estados Unidos, 11% das mulheres já involuntariamente trabalham apenas em regime de meio período, muitas delas em empregos de horário intermitente. Mesmo as mulheres que optaram por equilibrar o trabalho doméstico com o emprego de meio

a terra é redonda

período, podem ser pressionadas a deixar esses empregos.

Como Lewis diz, tudo isso faz “sentido econômico perfeito”:

“No plano individual, as escolhas de muitos casais nos próximos meses farão perfeito sentido econômico. Do que os pacientes da pandemia precisam? Cuidado. Do que as pessoas mais velhas que se isolaram precisam? Cuidado. O que as crianças que ficam em casa sem a escola precisam? Cuidado. Todo esse cuidado, essas tarefas de cuidado não remunerado, recairão mais sobre as mulheres devido à estrutura existente da força de trabalho. ”

Ademais, como as mulheres que optam por deixar o trabalho por alguns anos para cuidar de crianças muito pequenas estão bem conscientes, é quase impossível retornar ao trabalho remunerado em uma posição de salário e status semelhantes aos que deixaram. E a retirada forçada não facilitará as coisas.

Reprodução social? O que é isso? E por que isso é importante?

Neste semestre, estou dando um último curso de estudos urbanos na minha universidade, a Universidade de São Francisco. Concentramos nossa atenção em algo que molda todas as nossas vidas: trabalho; o que é, quem tem e quem não tem, quem é pago e quem não recebe, e muitas outras perguntas sobre a atividade que ocupa a maior parte do nosso tempo neste planeta. Emprestamos um conceito útil das feministas marxistas: “reprodução social”. Refere-se a todo o trabalho, remunerado ou não, que alguém tem de fazer para que os trabalhadores possam se apresentar em seus empregos e realizar as tarefas que geram um salário, enquanto os empregadores se beneficiam.

É chamado de reprodução porque reproduz os trabalhadores, tanto biologicamente quanto em termos de esforço diário, para que eles possam se recuperar o suficiente para fazê-lo novamente amanhã. É reprodução social, porque ninguém pode fazer isso sozinho e sociedades diferentes encontram maneiras diferentes de fazê-lo.

O que está incluído na reprodução social? Existem coisas óbvias que qualquer trabalhador precisa: comida, roupas, sono (e um local seguro para dormir), sem mencionar um certo nível de higiene. Tem mais. O lazer (a recreação) faz parte disso, porque “recria” uma pessoa capaz de trabalhar de forma eficaz. Educação, saúde, creche, culinária, limpeza, compra ou produção de alimentos e roupas – tudo isso é crucial para manter os trabalhadores e seus empregos. Se você quiser aprender mais sobre isso, a *Social Reproduction Theory: Remapping Class, Recentering Oppression* de Tithi Bhattacharya é um bom ponto de partida.

O que tudo isso tem a ver com o nosso momento de pandemia? A maneira como a reprodução social é organizada nos Estados Unidos deixa algumas pessoas em situação de maior vulnerabilidade do que outras em tempos de crise econômica. Para citar um exemplo, por muitas décadas os restaurantes têm assumido e coletivizado (com fins lucrativos) porções significativas do trabalho de preparação, serviço e limpeza de alimentos, atos que antes eram amplamente realizados em casa. Para as mulheres trabalhadoras, em alguns casos, a disponibilidade de delivery barato substituiu a necessidade de planejar, comprar e preparar refeições sete dias por semana. O serviço de alimentação é um setor estratificado que varia de estabelecimentos sofisticados a estabelecimentos de fast food, mas inclui muitos trabalhadores com baixos salários que agora perderam o emprego, enquanto aqueles que ainda trabalham em locais que oferecem comida para viagem ou nos supermercados, arriscam a saúde para que outros possam comer.

Uma maneira de os casais de trabalhadores com duas rendas nos Estados Unidos terem lidado com as tarefas de reprodução social foi terceirizando partes importantes de seu trabalho para as mulheres mais pobres. Brigar sobre quem irá faxinar e lavar roupa em casa? Não faça a sua mulher fazer tudo. Contrate outra mulher para fazer isso por você. Você quer ter filhos e desenvolver uma carreira? Contrate uma babá.

Obviamente, a faxineira e a babá em sua casa provavelmente terão que fazer seu próprio trabalho de criação social quando

voltarem para suas próprias casas. E agora que seus filhos não vão à escola, de alguma forma eles terão que cuidar de si também. No entanto, em muitos casos, isso será possível porque seu trabalho não é considerado um “serviço essencial” com base nos pedidos de estadia em casa de alguns estados. Portanto, eles perderão sua renda.

Pelo menos aqui na Califórnia, muitas das mulheres que fazem esses trabalhos são imigrantes sem documentos. Quando o governo Trump e o Congresso finalmente aprovam uma lei de ajuda, eles, como muitos funcionários informais de restaurantes, não recebem os fundos que precisam desesperadamente para pagar aluguel ou comprar comida. As organizações de direitos dos imigrantes estão tentando intervir para compensar parte do déficit, mas o que elas finalmente conseguem não será suficiente. Felizmente, os trabalhadores imigrantes estão entre as pessoas mais engenhosas do país ou não teriam chegado tão longe.

Existe mais um tipo de trabalho de reprodução social realizado principalmente por mulheres que, por sua natureza, é o oposto de um “distanciamento social”: trabalho sexual. Você pode ter certeza de que nenhum projeto de resgate incluirá algumas das mulheres mais pobres do país, aquelas que trabalham como prostitutas.

Mulheres em casa e em situação de vulnerabilidade

É uma coincidência dolorosa o fato de as mulheres estarem confinadas em suas casas no momento em que um movimento internacional contra o feminicídio está decolando. Um efeito de ficar em casa é tornar muito mais difícil para as mulheres encontrar abrigo contra a violência doméstica. Você está mais seguro do lado de fora arriscando o coronavírus ou do lado de dentro com um parceiro entediado e zangado? Escrevo isso com pleno conhecimento de que um setor econômico que não sofreu com a pandemia é o negócio de armas. A Ammo.com, por exemplo, que vende munição on-line em todos os estados, exceto em quatro, registrou um aumento mais do que o triplo da receita no mês anterior. Talvez toda essa munição esteja sendo comprada para combater zumbis (ou a invasão de imigrantes que o presidente continua nos lembrando), mas pesquisas mostram que o porte de armas tem muito a ver com a violência doméstica transformar-se em assassinato.

Toda semana, a colunista consultora do Washington Post Carolyn Hax apresenta uma linha direta de conversa que oferece sugestões úteis de vários tipos. Nas últimas duas semanas, seus leitores (inclusive eu) ficaram horrorizados com mensagens de uma participante pega em quarentena em um pequeno apartamento com um companheiro perigoso que acabou de comprar uma arma. O conselho padrão para as mulheres em tal situação não é apenas correr, mas preparar um plano de fuga, reunir silenciosamente os suprimentos e dinheiro de que precisa e garantir um lugar para ir. As ordens obrigatórias de permanência em casa, embora sejam necessárias para achatar a curva dessa pandemia, podem indiretamente causar um aumento nos feminicídios domésticos.

Como se as mulheres ainda não tivessem sido desproporcionalmente afetadas pela epidemia de coronavírus, os republicanos do Senado estão tentando introduzir um pouco de misoginia extra em sua versão de um projeto de lei. No mesmo mês em que as mulheres paquistanesas arriscaram suas vidas em protestos sob o lema “Mera jism, meri marzi” (“Meu corpo, minha escolha”), os republicanos querem usar a pandemia em outra tentativa de interromper, isso mesmo, as clínicas de planejamento familiar.

Greg Sargent, do Washington Post, revelou recentemente que os US \$ 350 bilhões propostos para apoiar pequenas empresas que não despedem trabalhadores vão excluir organizações sem fins lucrativos que recebem fundos do Medicaid. As clínicas de Planned Parenthood, que fornecem assistência médica a milhões de mulheres não seguradas ou subseguradas, é exatamente esse tipo de organização sem fins lucrativos. Assessores democratas do congresso que alertaram Sargent para isso sugerem que a Planned Parenthood não seria a única organização que seria afetada. Eles também acreditam que “... esse idioma excluiria da elegibilidade para esta assistência financeira uma grande variedade de organizações sem fins lucrativos que obtêm fundos do Medicaid, como provedores de assistência para deficientes em casa e na comunidade; a lares de idosos, saúde mental e centros de saúde; agrupar casas para deficientes; e até centros de

apoio comunitário às vítimas de estupro.”

Enquanto isso, Mississippi, Ohio e Texas estão tentando usar o coronavírus como uma desculpa para impedir o acesso das mulheres ao aborto. Com base no argumento de que esses procedimentos não são clinicamente necessários, o procurador-geral do Texas, Ken Paxton, ordenou que as clínicas de aborto parassem de interromper a gravidez. Anteriormente, o procurador-geral de Ohio, Dave Yost, enviou cartas às clínicas de Ohio proibindo todos os abortos cirúrgicos “não essenciais”.

Volta à normalidade?

Quando Warren Harding (que dirigia um governo notoriamente corrupto) concorreu à presidência em 1920, seu slogan de campanha era “um retorno à normalidade”, como era antes, isto é, antes da Primeira Guerra Mundial. O que ele quis dizer foi um retorno ao dinamismo econômico. Como sabemos, os “loucos anos vinte” o forneceram em grande número até aquele pequeno acidente conhecido como Grande Depressão. Hoje, como Harding, outro presidente corrupto promete um retorno imediato à normalidade. Ele já está muito irritado com o período de 15 dias de distanciamento social que anunciou em meados de março. Em sua entrevista coletiva em 23 de março, ele sugeriu que os Estados Unidos estariam “abertos aos negócios” mais cedo ou mais tarde. No dia seguinte, ele sugeriu que o país reabrisse seus negócios na Páscoa (um “dia muito especial para mim”), dizendo que quer ver “igrejas lotadas em todo o país”. Não pode esperar até que tudo, incluindo nossos sistemas econômicos e de saúde profundamente desiguais, retornem ao normal como estava antes da disseminação do coronavírus; isto é, até que estejamos novamente despreparados para a próxima e inevitável crise.

Ao contrário do presidente, espero que não voltemos ao normal. Espero que o povo de Veneza aprecie canais brilhantes para os quais seus golfinhos retornam. Espero que o resto de nós esteja ligado ao ar menos poluído e às menores emissões de carbono. Espero que aprendamos a valorizar a vida das mulheres.

Espero que, em vez de voltar ao normal, reconheçamos que nossa sobrevivência como espécie depende de mudar quase tudo, inclusive como produzimos o que precisamos e como nos reproduzimos como seres humanos. Espero que, quando sobrevivermos a essa pandemia, os povos do mundo tomem tudo o que aprendemos sobre a ação global coletiva durante esta crise e a apliquem a outra crise previsível, a que ameaça toda a vida humana em um planeta que está inequivocamente aquecendo.

***Rebecca Gordon** é professora da University of San Francisco

Tradução: Ricardo Kobayashi

Revisão da tradução: Luiza Ribeiro

Publicado originalmente no TomDispatch.com